

★ REFLORESTANDO O TEATRO DO OPRIMIDO

Flavio da Conceição e Valdelei Oliveira da Silva

Flavio Santos da Conceição. Doutor em Teatro, professor do curso ABI Teatro e do PPGAC da Universidade Federal do Acre. Coordenador do Programa de Pesquisa e Extensão GESTO da Floresta, membro do grupo de pesquisa CNpQ GESTO/UFBA, docente da especialização em Teatro do Oprimido/UFBA.

Valdelei Oliveira da Silva. Graduando do curso de ABI–Teatro, pela Universidade Federal do Acre, pesquisador do Programa de Pesquisa e Extensão GESTO da Floresta, pesquisador do PIBIC/CNpQ.

Resumo: O artigo é uma apresentação do Programa de Pesquisa e Extensão GESTO da Floresta, vinculado a Universidade Federal do Acre (UFAC), a partir da transcrição de uma palestra realizada no Seminário de Pesquisas em Artes Cênicas (SPAC), em setembro de 2023, na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis. O texto apresenta as pesquisas desenvolvidas com o Teatro do Oprimido no âmbito da Floresta Amazônica, em que os conhecimentos das comunidades tradicionais indígenas e ribeirinhas foram inseridos nas práticas metodológicas do Teatro do Oprimido. O artigo reflete ainda, o conceito de plantas professoras, como ayahuasca ou Daime, que se tornam as mediadoras naturais nos processos pedagógicos do coletivo GESTO da Floresta, buscando uma Pedagogia das Florestas.

Palavras-chave: gesto da floresta; pedagogia das florestas; plantas professoras; ayahuasca; daime.

REFORESTING THE THEATER OF THE OPPRESSED

Abstract: The article is a presentation of the GESTO of Forest – Research and Extension Program, linked to the Universidade Federal do Acre – UFAC, based on the transcription of a lecture given at the Performing Arts Research Seminar – SPAC held in September 2023 at Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis. The text presents the research carried out with the Theater of the Oppressed within the Amazon Forest, where the knowledge of traditional indigenous and riverside communities was inserted into the methodological practices of the Theater of the Oppressed. The article also presents the concept of teaching plants, such as ayahuasca or Daime, which become natural mediators in the pedagogical processes of the Gesto of Forest collective, seeking a Pedagogy of Forests.

Keywords: gesto of forest, pedagogy of forest, teacher plants, ayahuasca, daime

Abrindo os trabalhos

Antes de adentrar em nossa experiência com Teatro do Oprimido (TO) na Universidade Federal do Acre, gostaria de iniciar com uma reverência e uma invocação. Um dos elementos que temos trabalhado no Acre é o momento de abrir e fechar nossos trabalhos, pois acreditamos que não vivemos só da materialidade. Temos outras energias nos espaços, e eu gostaria de convocar aqui uma energia que me acompanhou durante a produção deste material. Quem quiser pode me seguir nessa canção...

Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz;
Onde houver ódio que eu leve o amor;
Onde houver ofensa que eu leve o perdão;
Onde houver discórdia que eu leve a união;
Onde houver dúvidas que eu leve a fé;
Onde houver erro que eu leve a verdade;
Onde houver desespero que eu leve a esperança;
Onde houver tristeza que eu leve alegria;
Onde houver trevas que eu leve a luz;
Ó Mestre, fazei que eu procure mais consolar, que ser consolado;
Compreender que ser compreendido;
Amar, que ser amado;
Pois é dando que se recebe;
É perdoando que se é perdoado;
E é morrendo que se vive, para vida eterna.
(Oração de São Francisco)

Na tradição espiritual a que sou vinculado, que se chama Barquinha, uma das linhas que comungam o chá da ayahuasca ou Daime², estamos agora no mês da Romaria de São Francisco de Assis. Então nesse mês, São Francisco é meu professor espiritual, que me traz as inspirações para o trabalho que faço. Essas inspirações e instruções não vêm somente de São Francisco. Em setembro estou conectado a ele, mas existem outros seres da floresta que me acompanham nesse trabalho que vou compartilhar com vocês.

Uma breve contextualização

Eu conheci o Teatro do Oprimido (TO) muito jovem, com 18 ou 19 anos de idade. Augusto Boal era vereador da cidade do Rio de Janeiro na época, então comecei a fazer Teatro do Oprimido dentro do mandato do Boal. Sempre quis fazer teatro e o TO me atraiu, pois poderia fazer teatro e política ao mesmo tempo. Eu era do movimento lésbicas, gays, bissexuais, trans, queer, intersexuais, assexuais e pansexuais (LGBTQIAP+) na época, que ainda não tinha essa sigla. Era o Movimento Gay e eu quis fazer teatro e lutar pelos meus direitos, de uma forma militante.

Durante muitos anos fui integrante da equipe do Centro de Teatro do Oprimido (CTO) Rio. Dessa forma, eu trabalhei diretamente com Augusto Boal nas prisões, nos projetos dentro de hospitais psiquiátricos, nos Pontos de Cultura. Eu participei de projetos variados, acompanhando Boal e a equipe de coringas, trabalhando essa metodologia.

Entrei para a universidade, para a pesquisa, justamente para compreender teoricamente o que eu já praticava há muito tempo. Visto que eu já fazia Teatro do Oprimido, aplicava os jogos teatrais, montava cenas e peças de teatro. Porém, eu precisava refletir e aprofundar meu conhecimento sobre a própria metodologia do TO. Nessa época, quem pensava era o Boal e nós executávamos. Inclusive, Boal ficou muito feliz quando eu entrei para o mestrado. Fui o primeiro da equipe que o acompanhava e ele disse para as pessoas seguirem o meu exemplo. Vocês precisam entrar no mestrado e pensar por vocês mesmos, disse Boal em uma reunião para todos os coringas. A minha pesquisa de mestrado e de doutorado foram pesquisando o Teatro do Oprimido e sua práxis.

Em 2016, após 22 anos de trabalho na instituição, me desvinculei do Centro de Teatro do Oprimido. Terminei meu doutorado e me mudei para Rio Branco – Acre em 2017, pois passei no concurso para professor da Universidade Federal do Acre.

O despertar pela floresta:

Ao chegar em Rio Branco assumo que meu primeiro pensamento foi colonial. E pensei: vou para o Acre levar o Teatro do Oprimido para aqueles povos isolados, da floresta, que não entendem e nem conhecem arte. Vou lá desbravar aquele espaço. É importante refletir que a opressão está dentro de nós e muitas vezes a reproduzimos. Não é porque faço Teatro do Oprimido, que não posso ser um instrumento de opressão e preconceito. Por isso, precisamos refletir sobre as nossas ações constantemente. E um dos aspectos de nossa pesquisa é assumir que, na complexidade humana, temos luz e sombra, temos potência de construção, mas também de destruição, somos oprimidos e na maioria das vezes opressores. “O ser humano é binário: predatório e solidário. Temos que libertar o ser humano do seu instinto predatório, remanescente animal” (BOAL, 2009, p.254).

Portanto, quando chego ao Acre carrego essa atitude colonizadora e predatória do Sudeste. Penso em reproduzir o Teatro do Oprimido que já fazia há muitos anos nessa terra acreana, com os indígenas, ribeirinhos e povos da floresta.

Até o momento em que eu tomo a primeira peia³ da Floresta Amazônica.

No encontro com os indígenas, os ribeirinhos, os filhos de seringueiros e meus alunos que já comungavam do chá do Daime, fui conhecer a bebida. E a experiência com o Daime, nos rituais da Barquinha, me proporcionou um encontro com minhas questões mais profundas, ao ponto de me questionar sobre o trabalho que realizava. Me indagar sobre qual teatro poderia oferecer para as pessoas, pois passei a não acreditar mais na arte que eu fazia.

Entre 2017 e 2019, paralisei minhas atividades artísticas e projetos de extensão. Continuei dando aula na universidade e as disciplinas mais amplas, mas eu não conseguia mais dar seguimento ao Teatro do Oprimido que eu fazia no Rio de Janeiro e comecei a contestar toda a minha prática.

Durante a experiência da ayahuasca, os livros ou os conhecimentos científicos acumulados, pouco ou nada servem, daí que o hino daimistas adverte: “não adianta querer chegar aqui formado [pois], pode as lições deste livro você não ter estudado”. E este grande livro, em que se inscreve a experiência, certamente não está escrito em caracteres matemáticos. (ALBUQUERQUE, 2011, p.224)

Entrei em contato com as comunidades do Acre, com os povos da floresta. Comecei a ouvir e observar mais do que a oferecer algum tipo de conhecimento. Coloquei-me no lugar de um aprendiz e não de um professor. Vivenciava as experiências com meus próprios alunos, conversava com as pessoas para tentar entender que lugar era aquele que me acolhia. No meu silêncio tentava ouvir as vozes da floresta. Então minha reflexão começou a ser: como o Teatro do Oprimido poderia ser afetado por esses conhecimentos tradicionais dos povos da floresta?

Em nossa pesquisa entendemos o Daime ou ayahuasca como uma planta professora, que são plantas que de alguma forma nos ensinam questões que vão para além da espiritualidade, mas que nos fazem refletir sobre nossa vida, nossa ética e a forma de conviver com a comunidade. Há vários tipos de plantas professoras, como o Daime ou ayahuasca, a Jurema, o rapé, o tabaco, o peyote ou alguns fungos. Mas acreditamos que não só as plantas psicoativas⁴ podem nos ensinar. Por exemplo a camomila, se você ingere o chá feito com a planta camomila, suas substâncias vão entrar biologicamente em contato com seu corpo, com suas células e algum aprendizado vai ser disponibilizado com essa experiência. A planta vai mediar esse aprendizado com você, a partir da sua necessidade, da sua crença e da abertura para ouvir os ensinamentos que a planta vai lhe trazer. Pode ser um ensinamento medicinal e algo no seu corpo pode ser curado, mas pode ser um aprendizado ético, social, familiar ou até mesmo espiritual. É preciso estar aberto sensivelmente para receber e aprender. “A verdade dos sentidos é outra

verdade, tão verdadeira como a das palavras – não é a mesma.” (BOAL, 2009, p. 129).

Começamos a refletir como o Teatro do Oprimido que eu praticava poderia ser organizado a partir de uma pedagogia das florestas. E nossa linha atual de estudo é tentar construir os alicerces dessa pedagogia, em que as plantas professoras, a cultura indígena e das comunidades afro, as bibliotecas vivas e o conhecimento com os mais velhos, as histórias e a ancestralidade dos povos da floresta, faria parte dessa epistemologia do Teatro do Oprimido, das florestas, a partir de uma cultura da Paz e não violência, tentando descobrir como o ser humano pode estar integralizado ao meio ambiente e não superior a ele.

Quando Boal traz a proposta de discutir a opressão em uma peça de Teatro Fórum ou numa performance de Teatro do Oprimido, os papéis e a representação são dualistas, atuamos como oprimidos ou opressores. Como expus anteriormente, dentro de nós temos a potência de oprimir e ser oprimido, potências de luz e de sombra ou como Leonardo Boff (1998) diz, temos a energia *sim-bólica* para organizar e ser solidário ou fraterno, mas temos em nós a energia *dia-bólica*, aquela que repele e destrói, criando o caos. Temos essas capacidades, estão em nós, não por sermos especiais, pois tudo no universo possui essas energias. Todo o cosmo tem dinâmicas que organizam e que dispersam.

Na linguagem da ecologia se constata, por exemplo: a natureza tem características de associação, de interdependência, de solidariedade e complementaridade, numa palavra, de cosmos (= harmonia e beleza). Ao mesmo tempo, características de parasitismo, concorrência, oposição, antagonismo e destruição, numa palavra, de caos (= desequilíbrio e desorganização) (BOFF, 1998, p.13).

Em nossas atividades do Gesto da Floresta buscamos experimentar como, a partir dos nossos processos artísticos, pedagógicos e estéticos, conseguimos refletir sobre os nossos aspectos opri-

midos e opressores, de cosmos e de caos. Quando realmente sofremos desigualdades e conseguimos nos fortalecer para desconstruir as estruturas de opressão, nos fortalecendo enquanto indivíduos, mas enquanto coletivos. Para que, percebendo que existem essas espirais de violência, possamos quebrar essas espirais para não as fortalecer. Como afirma Boal (2009) “O trânsito entre o singular e o plural não deve limitar subjetividades nem perder de vista a criação coletiva, que é o somatório de sensibilidades e não passiva aceitação do denominador comum inferior” (p. 163). Assim, temos criado processos de cura, de discussão política, de uma cura individual e coletiva. Como estamos em uma sociedade adoecida pelo racismo, homofobia, violência, machismo, como conseguimos nos perceber enquanto mecanismo dessa estrutura e nos empoderar individualmente e no coletivo para que não fortaleçamos essas estruturas opressivas?

Atualmente estamos com um projeto em uma das comunidades periféricas mais violentas de Rio Branco, a Cidade do Povo. Esse já era um desejo que tínhamos há muito tempo, mas veio a pandemia e nos fez adiar a proposta. Agora conseguimos fazer o projeto com o apoio da Universidade e da Secretaria de Justiça do Acre. A proposição é trabalhar com os jovens, a partir dos jogos e exercícios, criando espaços de autocuidado, de autorreflexão, de fortalecimento individual para o fortalecimento coletivo. Acreditamos que não é possível trabalhar o coletivo, sem trabalhar o indivíduo e não desejamos priorizar os processos individuais sem uma proposta coletiva, é complexo. Nosso objetivo é pensar em todos os aspectos humanos, dentro dessa complexidade da luz e da sombra, tendo as plantas professoras como mediadoras do conhecimento.

Nós nos inspiramos no conhecimento das plantas professoras, plantas mestras, e trazemos essas experiências para as nossas oficinas. Por exemplo, fazemos o ritual do chá com a camomila, pois descobrimos que a camomila contém elementos na sua substância que auxilia, incentiva

subjetivamente, a energia do perdão, além de dissipar as energias de mágoa e rancor. Durante os encontros propomos vários jogos e processos criativos focando nas opressões. Depois fazemos o ritual do chá e durante alguns dias os jovens tomam o chá de camomila, invocando a energia da camomila, para o seu espírito vir trabalhar conosco. A energia da camomila, da planta, vai ser uma mediadora nesse processo. Tomamos o chá durante alguns dias e no dia de nossa oficina encontramos o coletivo, fazemos jogos e encenações trabalhando o oprimido e opressor. No final pedimos para eles escreverem uma carta para o seu próprio opressor. Não pedimos para ninguém perdoar o opressor, pois o perdão é um processo e não uma obrigação. Por outro lado, o perdão é uma libertação. O perdão não é para o outro, mas é para você.

A palavra perdão é a tradução da palavra grega *aphesis*, que, por sua vez, é derivada do verbo *aphiemi*, que significa jogar fora, mandar embora, soltar, libertar, liberar. A palavra em latim *dimittere* tem significado semelhante: mandar embora, dispensar, soltar. A palavra perdão refere-se a culpa e significa uma ativa remissão e libertação da culpa, um libertar-se da culpa (GRÜN, 2005, p.9).

E perdão é diferente de reconciliação, pois quando eu perdoar alguém não preciso voltar a me relacionar intimamente com o sujeito. Você perdoa no seu coração e a pessoa vai. Você liberta a pessoa e se liberta, seguindo seu caminho. Você voltar a se relacionar com aquela pessoa, abrir espaço para a opressão se repetir, é uma opção.

Sei que o tema do perdão é polêmico dentro das práticas militantes do movimento social, mas acreditamos que este é o caminho. O sofrimento do oprimido não é só político, da violência física, mas é também um sofrimento subjetivo, emocional, psicológico e espiritual. A camomila chega como um potencializador no processo de autolibertação e reflexão.

Outra atividade que fazemos baseados na Estética do Oprimido é a construção da Bandeira da Paz. Temos discutido coletivamente o que é paz. Qual é a diferença entre paz e passividade? É possível uma paz com desigualdade social? É possível a paz com o racismo? É possível a paz com o machismo numa sociedade patriarcal? Discutimos essas questões, refletimos coletivamente e criamos uma bandeira coletiva da paz.

O coringa, que é o mediador, o mestre da cultura popular do Teatro do Oprimido, não vai dizer o que é paz, porque nem nós sabemos o que realmente é a paz ou como se chegar a ela. Mas abrimos esse debate com os jovens dentro de uma comunidade que sofre violência extrema da sociedade, onde muitos são abordados pela polícia o tempo inteiro. Esse debate é muito construtivo, pois, na construção dos nossos processos artísticos, discutimos com os jovens valores e conceitos envolvidos nos processos da cultura de paz e da não violência.

Fechando os trabalhos:

Quando amadurecemos começamos a perceber a necessidade de outros Teatros do Oprimido, porque somos diversos, somos muitos. Na Índia o grupo militante de TO faz da forma que acredita ser adequado à realidade indiana, já em Moçambique as necessidades são outras e por isso fazem o TO de outra maneira. No CTO do Rio de Janeiro, estão com Bárbara Santos e o Teatro das Oprimidas focando na questão feminina, Julian Boal está retomando o teatro épico em parceria com o TO, Licko Turle traz a experiência do Teatro do Oprimido e negritude, discutindo questões de raça.

Na Amazônia, cercados por florestas, rios, igarapés, botos, seres encantados e plantas de poder, abro minha percepção para outras formas de aprendizado, superando o conhecimento antropocêntrico, pois não somos os únicos seres inteligentes no mundo. Existem outros tipos de sapiência, tanto visíveis como dos animais e das plantas, que

podemos aprender através da observação, dos modos de vida e do contato mais próximo, como saberes dos seres invisíveis, que nos trazem inspirações e instruções a partir do trabalho espiritual. O símbolo que Boal escolheu para representar didaticamente o Teatro do Oprimido foi uma árvore. Podemos defender que a escolha de Boal foi racional e objetiva, buscando um objetivo didático, mas talvez não tenha só esse aspecto. A árvore está sempre em processo de crescimento e de expansão, se comunica pelo ar com seus galhos e folhas, mas se vincula também com a terra, fazendo conexões com as suas raízes, com as outras plantas e se disseminando através da sua seiva, com insetos, micro-organismos, seres invisíveis a percepção humana, mas que estão ao nosso redor. O GESTO da Floresta extrapola a metáfora da árvore do Teatro do Oprimido e a percebe como um ser vivo, que pode nos ensinar a ser mais fraterno com o próximo e com toda a natureza.

Para fechar esse trabalho trago um ponto da tradição da Barquinha, agradecendo ao Encanto da Arruda pela oportunidade de compartilhar esses conhecimentos com todos.

Obrigado!

Diadhô ô ô ô ô..

Lindo em canto da Arruda chegou

Diadhô ô ô ô ô..

Lindo encanto da Arruda chegou.

Eu venho com Alegria,

Com amor em meu coração

Venho saudar essa mesa,

Saudar todos meus irmãos.

Venho saudar essa mesa.

Saudar todos meus irmãos

Diadhô ô ô ô ô..

Lindo encanto da Arruda chegou,

Salve o Encanto da Arruda.

(Ponto do Encanto da Arruda, Barquinha)

Referências:

- ALBUQUERQUE, M. B. **Epistemologia e saberes da ayahuasca**. Belém: EDUEPA, 2011.
- BOAL, A. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BOFF, L. **O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- DA CONCEIÇÃO, E.; CORREA, R. W. **A Árvore do Teatro do Oprimido, as pedagogias das florestas e os processos pedagógicos do Gesto da Floresta**. In: *Pedagogia das Artes Cênicas: saberes tradicionais, fazeres contemporâneos*. Série Encontros. Volume 6. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.
- GRÜN, A. **Perdoa a ti mesmo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- Romaria de São Francisco de Assis. Rio Branco, Acre: Barquinha, 2023.

Notas

- 1 Este artigo foi produzido a partir de uma palestra realizada pelo autor no Seminário de Pesquisas em Artes Cênicas (SPAC) da UDESC em setembro de 2023, na cidade de Florianópolis. O material foi transcrito pelo coautor e recebeu um aprofundamento reflexivo.
- 2 O Daime ou ayahuasca é a alquimia entre o cipó jagube e a folha chacrona, que produzem um chá enteógeno usado nas tradições espirituais de algumas etnias indígenas e doutrinas sincréticas como o Santo Daime, UDV e Barquinha.
- 3 Na cultura nortista, peia é uma surra, uma coça. Na tradição das religiões daimistas a peia é o momento de purgação das más condutas humanas. Essa purgação pode vir com visões espirituais perturbadoras ou com efeitos corporais desagradáveis como diarreia, vômito, choro, suor, tremedeira, etc.
- 4 Plantas com efeitos psicoativos são aquelas que provocam efeitos particulares na psique humana, muitas vezes relacionadas a alguma tradição espiritual e que possuem substâncias que agem na mente (ALBUQUERQUE, 2011).